

PALOMA TEIXEIRA
 A TARDE BA

Imponentes corredores, grandes salões e teto catedral. Esta é a primeira imagem que se tem do Palácio Arquiepiscopal de Salvador, logo nos primeiros passos dados dentro do imóvel. Passando por um processo de restauração, desde março de 2015, a arquitetura do século XVIII leva o visitante diretamente ao passado.

Cada escada, porta e janela contam uma história e basta observar com atenção para ouvi-la. O abandono, que um dia foi visto em cada corredor, já não é mais sentido em quase nenhum cômodo do Palácio, apesar de ainda estar em obra para se tornar o futuro Centro Cultural Palácio da Sé Dom Sebastião Monteiro da Vide, o Museu da Igreja Católica no Brasil.

Localizado na praça da Sé, no Centro Histórico de Salvador, o edifício era ligado à sacristia da antiga Igreja da Sé, a conhecida Sé Primacial

PALÁCIO ARQUIEPISCOPAL Processo de restauração do imóvel tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional começou em 2015

Espaço vai abrigar Museu da Igreja Católica no Brasil

do Brasil, que foi demolida em 1933. As pedras, inclusive, ainda existem e estão abrigadas no pátio do Palácio.

O imóvel foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), em 1938, alguns anos após o projeto de ur-

Imóvel deixou de ser usado com mudança da Arquidiocese

banização de Salvador, iniciado pelo então governador da Bahia, José Joaquim Seabra. Finalmente, o Palácio deixou de ser usado, em 2002, quando a administração da Arquidiocese foi transferida de lugar.

"Aqui era a residência do arcebispo e de seus sucessores e aqui era também a sede administrativa da igreja nascente, da arquidiocese primaz do Brasil. A primeira diocese do Brasil nasceu aqui, em 1549. Então é uma homenagem a esse bispo, que foi um alvissareiro nas construções e na criação de mais de 20 paróquias na ci-

dade", relembra padre Abel, presidente do futuro Centro Cultural.

Recuperação

Detalhado e cuidadoso, o processo de recuperação do Palácio segue a todo vapor. De cima é possível ver que o telhado já foi todo reformado. Por dentro, o visitante encontra novas pinturas, janelas, esquadrias e forros recuperados, pisos de madeira, sem contar a instalação hidráulica, elétrica e de esgoto que também já foi finalizada.

As escadarias também foram modificadas, se não res-

tauradas, trocadas de madeira para alumínio. Quem preferir, também pode conhecer os andares de elevador. Estão sendo preparadas, ainda, as instalações de aparelhos de ar-condicionado e de câmeras de segurança, para a chegada de objetos de valor, que fazem parte do tesouro do Palácio.

A iluminação é um espetáculo à parte. Feita para dar mais visibilidade às obras que estarão expostas no museu, cada lâmpada foi instalada em locais estratégicos. O senhor Gabriel, como se apresenta, trabalhou na atualização da parte elétrica e ex-

plica com orgulho cada ponto que foi reformado por ele e a equipe com quem trabalhou há cerca de quatro anos. "Isso aqui fica ainda mais bonito de noite", revela.

As pinturas feitas na parede, ainda no período neo-clássico, foram restauradas seguindo um trabalho de raspagem da tinta visível até a chegada das pinturas antigas. No entanto, antes do processo que foi liderado pela professora Ana Maria Villar, foi realizado um estudo para descobrir quais eram as pinturas que estavam escondidas pela demão de tinta branca, aplicada anteriormente no edifício.

O imóvel ainda guarda muitas lembranças da época dos jesuítas, lembranças essas que ainda não foram mexidas. A exemplo do banheiro externo, localizado no primeiro pavimento. Com a estrutura coberta por azulejos azuis, o local, que era utilizado como uma casa de banho, resistiu às ações do tempo, apesar de ainda não ter sido restaurado.



Foto: Shirley Stolze / Ag. A TARDE

De cima é possível ver que o telhado já foi todo reformado, além das esquadrias, do imóvel localizado na praça da Sé, no Centro Histórico

Laboratório vai restaurar documentos do séc. XVIII

Além de abrigar o futuro Museu da Igreja Católica no Brasil, o Palácio Arquiepiscopal da Sé também vai ser a casa do Laboratório Eugênio Veiga (Leve). O nome foi dado em homenagem ao fundador da Universidade Católica do Salvador (Ucsal), local, inclusive, que abrigou o laboratório desde 2000.

"[A chegada do laboratório à Ucsal] foi um socorro que o arcebispo da época, dom Geraldo Magela, pediu ao então diretor da Católica, professor José Carlos. Essa documentação já estava no palácio, ela pertence ao palácio, só que estava em um estado de conservação horrível. Não tinha tratamento de conservação, nem de restauro", explica o restaurador Pedro Conte, que trabalha há 10 anos no projeto.

Processo

Cercados de mais de 15 mil documentos, os restauradores trabalham, desde 2002, no processo de recuperação da documentação, que data do início do século XIII até o século XX. Segundo Pedro, cada obra é trabalhada com uma especificidade técnica diferente. "A obra que vai dizer o que precisa ser feito. Nosso trabalho é feito aos

poucos. Teve obra que a gente demorou um ano para restaurar", revela o especialista.

Em meio aos livros, é possível ainda encontrar registros antigos de batizados, casamentos, formaturas, óbitos e até mesmo de jornais e denúncias contra o próprio clero.

Importância

"São livros que servem para pesquisas históricas, inclusive têm uma dimensão social, porque as pessoas que não têm documentação, as mais velhas, a fim de aposentadoria, requerem aqui a documentação e a gente vai dar a certidão de nascimento. Por ali se vê as origens dessas pessoas e esses documentos são válidos juntos à Justiça brasileira", conta padre Abel.

Local homenageia o fundador da Universidade Católica do Salvador



Visitante encontra novas pinturas, janelas, forros recuperados e pisos de madeira



É possível acessar registros antigos da estrutura do local, que estão em exposição

Previsão é entregar no aniversário da capital

A reforma do imóvel foi anunciada, em julho de 2014, pela Arquidiocese de Salvador e pelo Iphan, sendo iniciada no ano seguinte. Segundo o Iphan, apesar de ter aprovado o projeto, a execução está sendo realizada por terceiros e conta com a captação de recursos por meio da Lei Rouanet.

Na época, o custo total para a obra de recuperação do palácio foi de R\$ 18 milhões, dinheiro que seria financiado pelos Bancos Nacional do Desenvolvimento Econômico Social (BNDES) e Itaú.

No entanto, com a saída do segundo, alegando crise econômica, a verba foi reduzida, paralisando temporariamente as obras, em 2016.

Atualmente, como explica o padre Abel, a obra chegou a um total de R\$ 11 milhões, contando com uma verba destinada pela Prefeitura de Salvador, por meio da Secretaria de Cultura (Secult), para a finalização das obras.

A previsão é que o Centro Cultural seja entregue em 29 de março deste ano, mesmo dia em que a capital da Bahia comemora 470 anos de fundação.

"Criamos uma instituição de reconhecimento público, para promover o funcionamento e a auto sustentabilidade do palácio. Em uma parceria com a Prefeitura, vamos permitir que escolas municipais, com professores e guias turísticos, que serão orientados por nós, possam conduzir grupos para conhecerem aqui a história da Igreja, da Bahia e do Brasil", explica o presidente do centro.

Atualmente, como explica o padre Abel, a obra chegou a um total de R\$ 11 milhões

Templo ainda guarda muitas lembranças da época dos jesuítas